

A instituição escolar sob a ótica do aluno: algumas reflexões para subsidiar a formação do professor

*Ana Karina Araújo Galvão**; Andrea Alves Ulhôa***

“Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?” (Michel Foucault, *Vigiar e Punir*, p. 199)

O presente texto originou-se dos estudos teórico-práticos, realizados na disciplina Construção do Objeto de Pesquisa em Educação, ministrada pela Profa. Dra. Ana Arlinda Oliveira e Professor Dr. Cleomar Ferreira Gomes, do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Sua finalidade é de apresentar algumas reflexões sobre as relações estabelecidas no ambiente escolar, a partir de depoimentos de alunos e de impressões expressas por eles numa atividade de desenho, com aporte na obra de Michel Foucault – *Vigiar e Punir* –, na qual o autor, ao abordar as Instituições Penais dos séculos XVII e XVIII, referindo-se ao esquadramento disciplinar da sociedade, explicita o surgimento ou a construção de “uma anatomia política, que é também uma mecânica do poder” (p. 127), aborda a política de coerção, de dominação exercida sobre os indivíduos, a partir de uma formação discursiva de efeito ideológico, produzindo efeitos de sentidos sobre esses indivíduos – suas mentes, suas almas, suas vontades, suas disposições, suas paixões, seus desejos – e uma conseqüente ação sobre seus corpos, que, a serviço do poder, devem ser submissos, dóceis. Trata-se de um processo de disciplinarização que, segundo Foucault, não surge de repente. Segundo esse autor, na constituição da sociedade panóptica, a disciplina aparece muito cedo nos colégios, depois nas escolas primárias, hospitais e organizações militares, com mecanismos disciplinares que se disseminam muito rapidamente por todo o corpo social.

A obra de Foucault informa que a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço – a cerca, o quadriculamento, a regra das localizações funcionais, a fila –, e posteriormente, o controle da atividade – o horário, a elaboração temporal do ato, o corpo e o gesto posto em correlação, a articulação corpo-objeto, a utilização exaustiva e produtiva do tempo –, tudo a serviço e em conformidade com uma “microfísica do poder”.

Nessa mecânica, também a escola, se organiza como máquina disciplinadora, exerce processos semelhantes aos descritos por Foucault, sua cultura organizacional estrutura-se sobre a vigilância e a punição, como se disso dependesse objetivamente sua eficácia enquanto instituição produtora de seres conformados, domesticados, de “corpos dóceis”, conforme exemplificado no seguinte depoimento:

** Mestres em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Área de concentração Teorias e Práticas Pedagógicas da Educação Escolar. Docentes do curso de Pedagogia da Faculdade Projeção de Sobradinho - DF.

“... Não podemos chegar atrasados e nem sem uniforme. Ah! Não podemos usar saia curta. Mas tem sempre uma menina que vem de saia curta e não acontece nada...” “Se a gente desobedesse as regras, ah!, o nome vai para o Book Black¹...” “...Tem gente que assina mais de dez vezes e não acontece nada. Para alguns leva suspensão e se duvidar é expulso no primeiro dia” (aluna de 6 série).

Em contradição com o discurso educacional normalmente veiculado entre professores, a aluna manifesta o tratamento escolar e sua dimensão desigual e disciplinadora, colocando em questão a reivindicação por uma educação que se assegure em seu caráter educativo, que se integre com justiça e democracia em seus processos de aprendizagem e realizações humanas, que se supere na substituição de antigos receituários por experiências de ousadia, que se faça na incerteza do conhecimento e na convicção do que é possível construir, que se estruture solidária, verdadeira, que se constitua mediada por processos pedagógicos coerentes, honestos, autênticos. Mas, o discurso educacional da transformação que adentra os espaços educativos, com o objetivo de promover, valorizar, potencializar o ambiente escolar, propiciando aprendizagens significativas, esbarra na prática da educação secular, cujos padrões rígidos faz da escola um lugar isolado, um espaço insípido, vertical, acrítico, homogeneizador e disciplinador, exatamente como descreve Foucault em sua obra.

Com registros do tipo “...solicito providência em relação a atitude dos mesmos. Motivo: estar atrapalhando o bom andamento da aula, não acompanham as atividades, conversa na aula.” “...Suspensão da aula de esporte no sábado – Falta de respeito com o professor de Educação Física”, o *BOOK BLACK* oficializa as reclamações da escola através de anotações, se traduzindo, o próprio livro, em um mecanismo punitivo, que em momento algum compõe o discurso educacional contemporâneo, suas finalidades, seus objetivos, suas metas, suas propostas metodológicas. Pelo contrário, o discurso registrado no *Book Black*, está fundamentado na visibilidade do aluno, na busca de um comportamento tomado como ideal e necessário, um comportamento normatizado, domesticado, pautado na obediência, concebido como respeito pelo professor, autoridade maior numa relação de poder entre desiguais.

A análise do exercício de poder na sociedade disciplinar proposta por Foucault, nos serve como referência para compreender o depoimento da aluna e a existência do livro de capa preta na escola, bem como todo o cotidiano escolar, sua estrutura metodológica, cultural e espacial. A existência de livros de ocorrências, boletins ou cadernetas para registro de desempenho dos alunos, a realização de provas, de exames, a divisão de horários e o rigor extremado na exigência de seu cumprimento, a organização metodológica das aulas, a seleção dos conteúdos, a abordagem dos mesmos, o distanciamento na relação entre professores, funcionários e alunos, a divisão do espaço em sala de aula e na escola como um todo, traduzem a maneira pela qual a escola, como aparelho ideológico, desenvolve mecanismos disciplinadores, na produção de indivíduos úteis a um sistema dominante.

É nessa perspectiva, que a escola lança mão dos “recursos para o bom adestramento” descritos por Foucault: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora, o exame. Os

¹ Denominação atribuída pelos alunos a um caderno de capa preta, de páginas enumeradas, reservado exclusivamente aos professores para o registro de ocorrências de sala de aula.

conteúdos são tratados do mesmo ponto de partida, desconsiderando diferentes contextos, diferentes origens, diferentes histórias, diferentes saberes dos diferentes alunos, dispensando a desiguais, tratamentos iguais, ao mesmo tempo em que trata com desigualdade na perspectiva dos direitos, aquilo que é igual para todos: o direito de aprender e de ser respeitado em suas singularidades, conforme preconizam as leis e princípios educacionais. Não obstante a isso, a existência de exames indica a produção de poder pela escola, na medida em que mensura, classifica e normaliza o aluno, documentando suas individualidades, dando-lhe visibilidade, estabelecendo um sistema comparativo das desigualdades, expondo e reforçando as diferenças como algo negativo e passível de punição.

A divisão do tempo na escola também está a serviço da “microfísica do poder”. Persistem as aulas jesuíticas de 50 minutos e velhos rituais cumpridos por milhares de crianças dos séculos XVII e XVIII, relatados por Foucault, em Vigiar e Punir:

“À última pancada do relógio, um aluno baterá o sino, e ao primeiro toque, todos os alunos se porão de joelhos, com os braços cruzados e os olhos baixos. Terminada a oração, o professor dará um sinal para os alunos se levantarem, um segundo para saudarem Cristo, e o terceiro para se sentarem” (1986:136).

Do ponto de vista de sua arquitetura, a escola se organiza também de maneira a possibilitar e assegurar a vigilância, através daquilo que Foucault chamou de “repartição disciplinar”. A Arte das distribuições, feita a partir de 4 tipos de ordenação: celular, orgânica, genética e combinatória. Pela distribuição dos sujeitos no espaço, é possível assegurar a visibilidade adequada de cada um, estabelecendo também pelo posicionamento local a estrutura hierárquica pretendida.

“Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo e de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.” (FOUCAULT, 1986:134).

Foi exatamente isso que crianças da 4ª série, de uma Escola Estadual, expressaram numa atividade de desenho orientada pela pergunta: Como vocês vêem a escola que estudam? A atividade foi proposta por se acreditar que pelos desenhos as crianças manifestam uma maneira peculiar de ver e sentir as coisas, as pessoas, o mundo e as relações nele estabelecidas, mediante a organização do pensamento, transcrito em alguma medida na imagem desenhada, a partir do processamento de experiências vividas e pensadas. Sem a pretensão de aprofundar a análise dos desenhos, foram colhidas 29 ilustrações de alunos e alunas, com faixa etária entre 10 e 12 anos de idade, das quais foram selecionadas 15 para compor e ilustrar as reflexões aqui propostas.

De uma maneira geral, a percepção daquelas crianças acerca da escola que frequentam, foram expressas em ilustrações que mostram o quadriculamento do espaço e nele, a distribuição dos sujeitos. Expressam uma organização fria e distante, em todos os sentidos. Em muitos desenhos não há a presença do aluno, como se o local, em si, fosse o bastante – a escola se basta! –, mostram também as relações de poder estabelecidas nesse espaço. Uma primeira

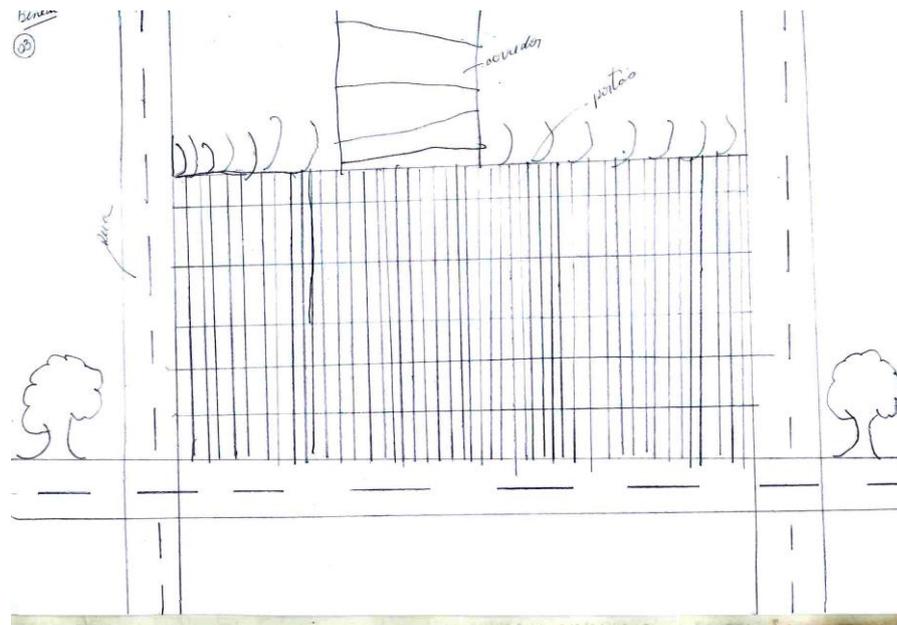
impressão sobre a escola é oferecida nos desenhos de números 1, 2 e 3: traços paralelos, simétricos, parecidos com grades.



(Desenho 1)



(Desenho 2)



(Desenho 3)

Em outras ilustrações a perspectiva utilizada pela criança autora do desenho, coloca o quadro-giz em grande evidência, enfatizando a importância atribuída ao recurso no ensino, conforme desenho de número 4.



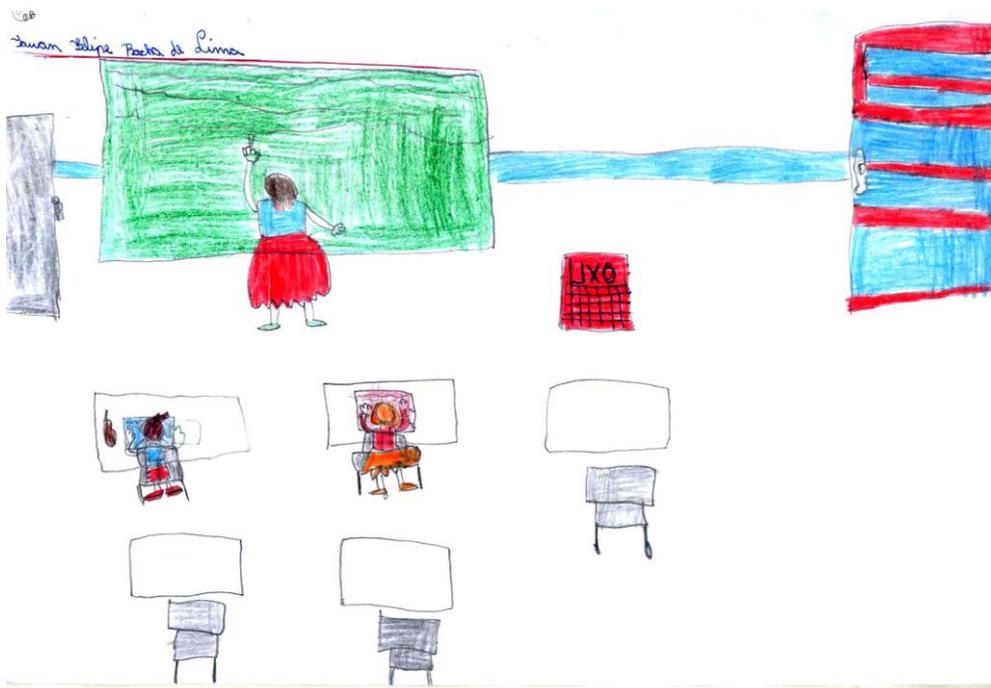
(Desenho 4)

No desenho de número 5 a sala de aula é representada como um espaço de dimensões muito mais amplas do que são na realidade, provavelmente, essa é a maneira como a criança o concebe, e o desenho de número 6 enfatiza a figura do professor, de costas para os alunos, voltada para o quadro-giz, o que nos possibilita uma leitura nada alentadora dessa relação.

Observa-se que nos poucos desenhos em que os professores são ilustrados, é expressa essa mesma relação de desigualdade, de distanciamento, de hierarquia, na qual o professor é sempre aquele que sabe e ensina e qualquer proximidade, como diria Lima e Gomes (2000), pode ser ameaçadora. Além dos aspectos mais subjetivos, os desenhos das crianças mostram, com clareza, o jogo da repartição espacial, abordado por Foucault na arte das distribuições.

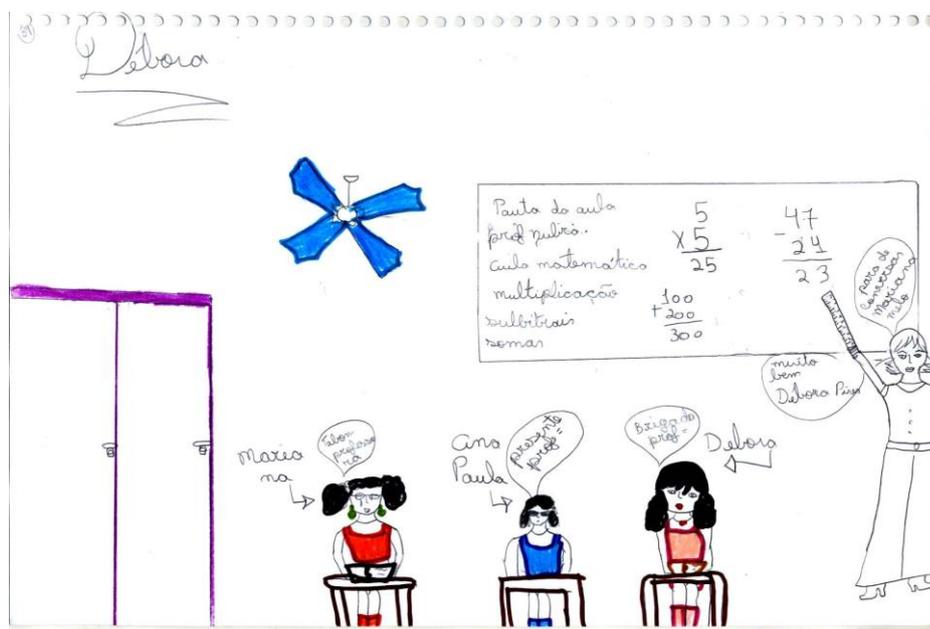


(Desenho 5)

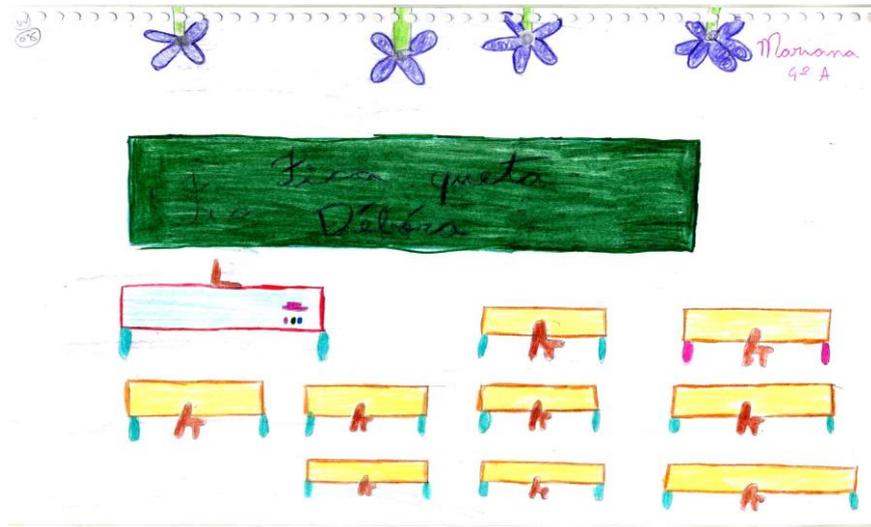


(Desenho 6)

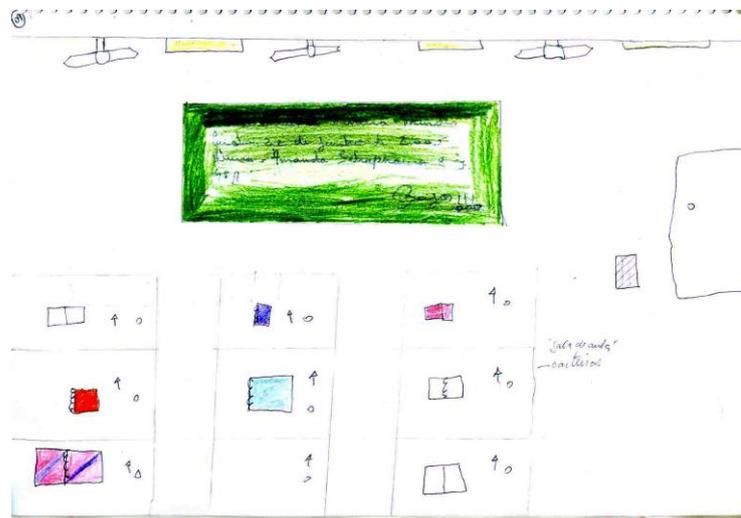
Entre outros, os desenhos de números 7, 8, 9, 10 e 11 mostram a divisão celular da sala de aula, onde há um lugar para cada aluno e cada aluno deve estar em seu lugar, numa determinada fila, numa determinada ordem, porque para a disciplina importa a localização do sujeito no espaço, sua posição, sua visibilidade. É importante que os próprios sujeitos se vigiem, como também mostram os desenhos: as alunas estão expostas à visibilidade das colegas, o que permite que se controlem mutuamente em seus comportamentos e ao mesmo tempo podem ser vigiadas pela professora, autoridade máxima na organização. O diálogo registrado no desenho de número 7 explicita o jogo das relações no ambiente de aprendizagem - a hierarquia interna, o postulado da professora, o individualismo e a competição entre colegas -, ressaltado pelo reforço positivo ou negativo dirigido aos sujeitos do desenho, conforme sua postura em relação à autoridade professoral, conforme a adequação, a obediência, a docilidade: “Para de conversar Mariana Melo”, “muito bem Débora Pires”/“Tabom professora”, “presente prof”, “Brigada prof”. Objetiva-se a correção de desvios na busca de um padrão de comportamento. Nesse caso, a gratificação é o “estímulo” da professora.



(Desenho 7)



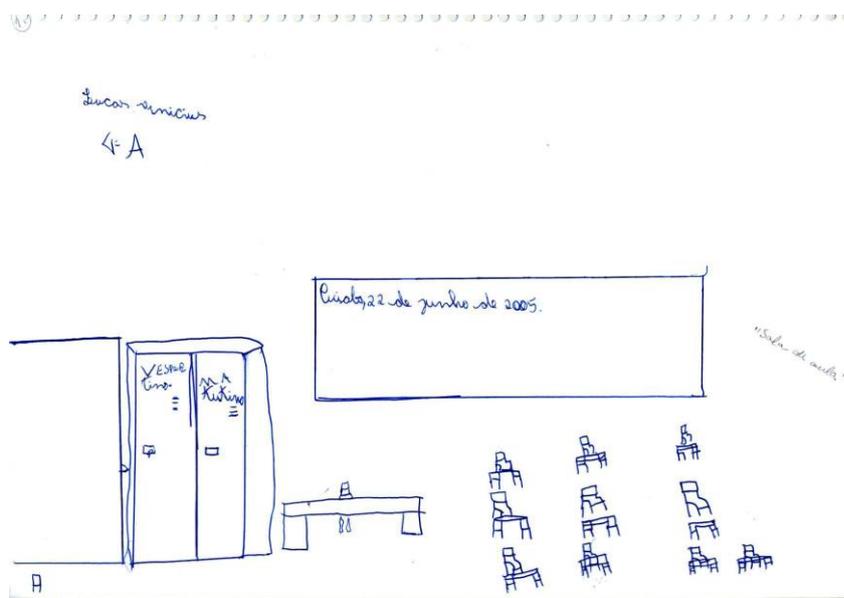
(Desenho 8)



(Desenho 9)



(Desenho 10)

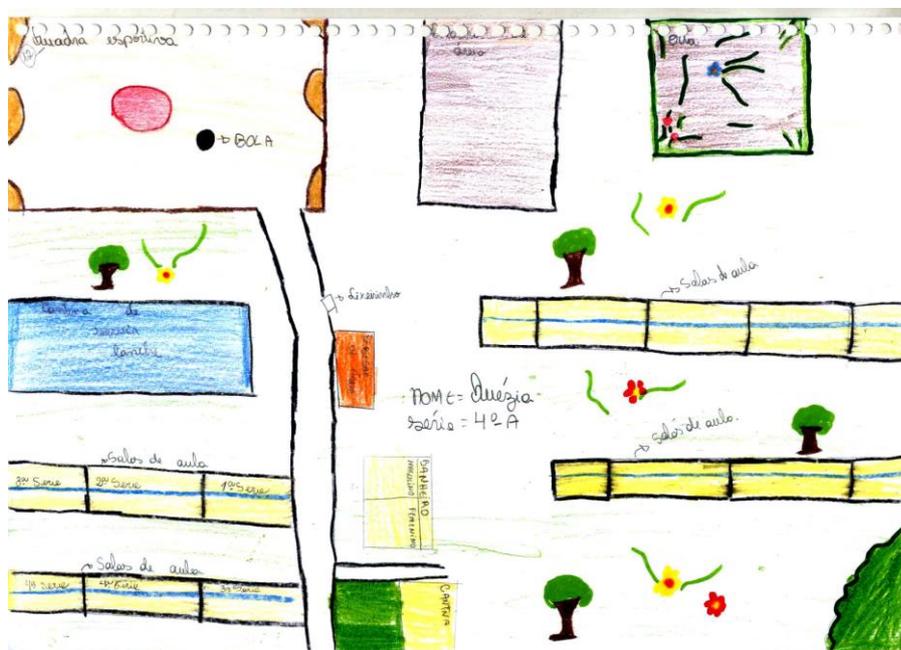


(Desenho 11)

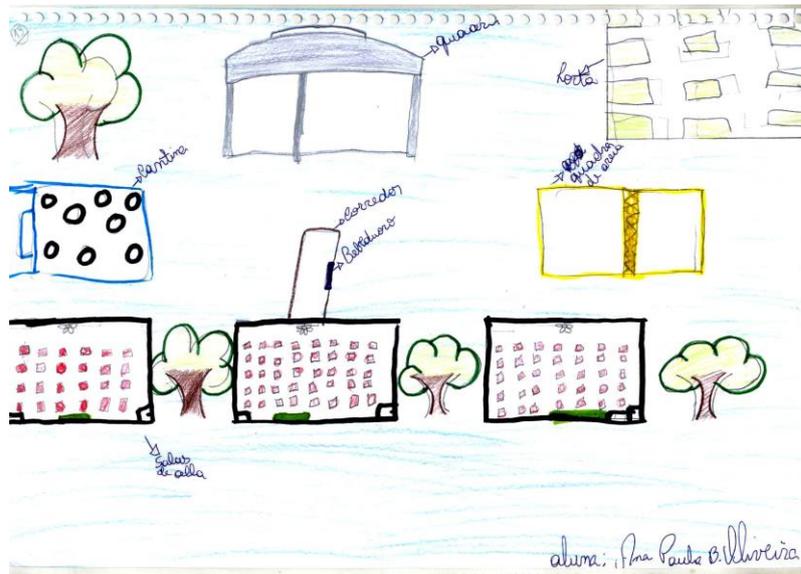
Pode-se observar que o desenho de número 8 traz uma resposta à colega Débora, que por ocasião da produção do desenho estava sentada distante de sua interlocutora, Mariana Melo, o que leva a ponderar sobre a existência de uma possível rivalidade entre elas, ainda que muito amigas, e à colocação intencional do distanciamento espacial. Ou seja, no mapa da sala de aula, alunos “tagarelas”, “implicantes”, “indisciplinados”, são posicionados de maneira a evitar o contato entre si, para o bom andamento da disciplina. Da mesma forma, alunos “desatentos” ou “desinteressados” são colocados mais próximos ao professor, assim, o posicionamento de cada um, que também pode ser, em si, uma punição, é determinado de acordo com seu perfil, com seu comportamento, sempre em decorrência do julgamento do

outro, no caso, o professor, de maneira a possibilitar a “vigilância hierárquica” e potencializar o sistema operante no treinamento escolar.

Os desenhos de número 12, 13 e 14 são especiais na demonstração da maneira pela qual o tempo de vida dos alunos é fragmentado, atomizado, impondo um determinado compasso e um período na aprendizagem. Tudo precisa ter seu tempo, que deve ser aproveitado ao máximo, sob pena do não enquadramento, da reprovação, ou simplesmente do “vexame de não saber”. Assim, o tempo de aprendizagem das crianças é subdividido em séries, o que possibilita um controle mais cuidadoso de cada tempo, e numa progressão mensurável, em cada série, determinadas matérias devem ser ministradas, determinados conteúdos devem ser aprendidos, independentemente do ritmo de aprendizagem de cada um – o resultado final é a capacidade de cada um, que inexoravelmente assumirá seu rótulo escolar.



(Desenho 12)



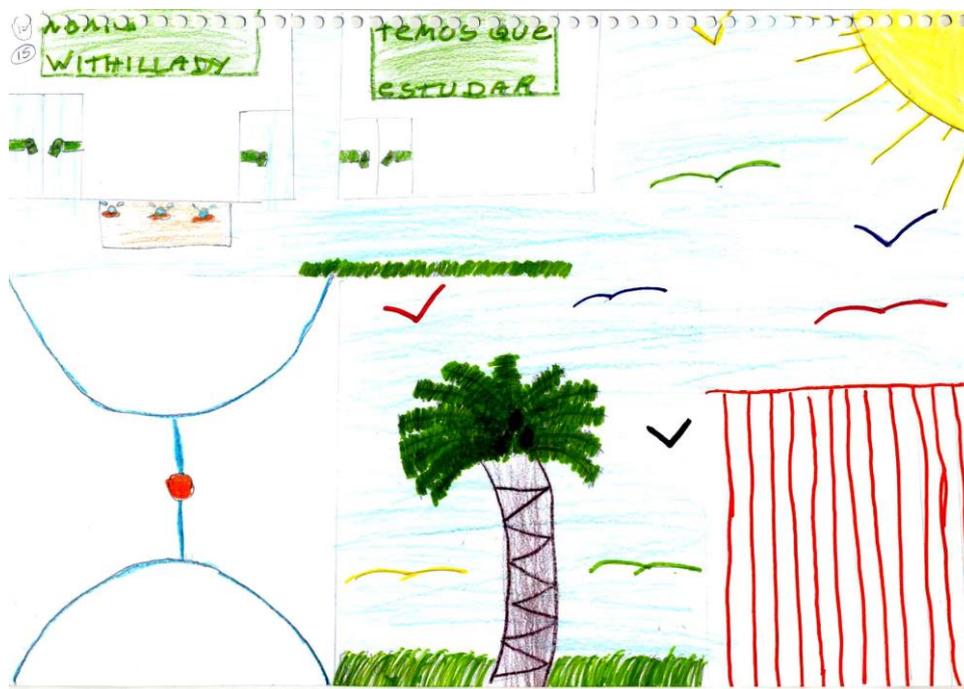
(Desenho 13)



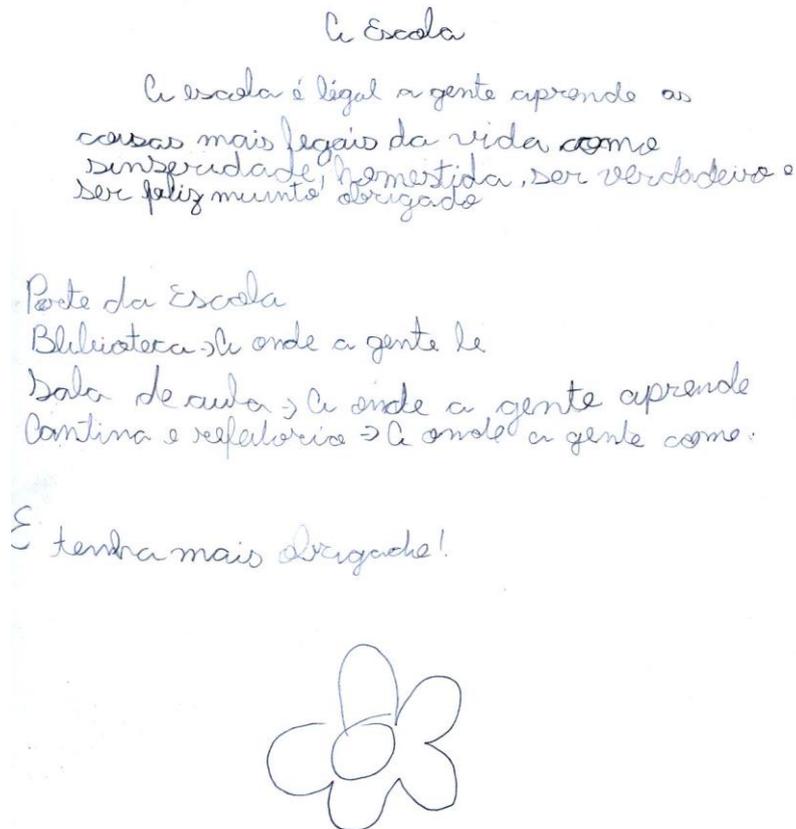
(Desenho 14)

Por fim, destaca-se a ilustração de número 15 e o texto, intitulado “A escola”, produzido e entregue espontaneamente por uma aluna. A ilustração traz o imperativo “*temos que estudar*” e o texto também parece precioso, na medida em que oferece elementos para se refletir sobre o discurso reproduzido pelos alunos em geral, e especificamente pelos dois, que parecem já ter aprendido a moral da obediência e repetem para si mesmos, possivelmente na expectativa de acreditarem no discurso que assumem: “*temos que estudar*” ou “*A escola é*

legal, a gente aprende as coisas legais da vida como sinceridade, honestidade, ser verdadeiro e ser feliz..."



(Desenho 15)



Afinal, o tem feito e para que serve a escola? Para responder a essa questão é preciso fazer a crítica da instituição escolar, envolvendo a todos os atores nesse processo, para que educadores se interessem e desenvolvam outras dimensões do ensino, e os alunos, outras dimensões da aprendizagem. É preciso mergulhar e assumir a inquietação para se fazer uma análise dos discursos educacionais e dos discursos institucionais, buscando a coerência entre eles. É preciso mobilizar a todos por uma prática pedagógica crítica, participativa, criativa, democrática, libertadora, uma prática pedagógica que se oponha à prática institucional disciplinadora, que denuncie e se oponha aos regulamentos rígidos e opressivos dos estabelecimentos de ensino, um discurso e uma prática pedagógica que considere, valorize, respeite o aluno, não no seu vir-a-ser, mas no seu ser hoje, para que se faça viver a vida educativa, tomando para si os princípios éticos de nossa existência, como queria Paulo Freire. Nesse sentido, nunca é demais citá-lo:

“..o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor, que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar", ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (1996:66).

Referências

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA E GOMES, Icléia Rodrigues de. **A escola como espaço de prazer**. São Paulo: Summus, 2000.